

FISICULTURISMO NO BRASIL: UM ESPORTE EMERGENTE.

IASMIM LEGUISSANO DOS SANTOS¹;
LUIZ CARLOS RIGO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – iasmim.adsl@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – rigoperini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Bodybuilder, também conhecido como culturismo ou fisiculturismo, é um esporte que cresce consideravelmente em número de atletas, bem como em Federações e Instituições e, além disso, foi incluído pela primeira vez nos Jogos Pan-Americanos que ocorreram em Lima, no Peru, no ano de 2019. De acordo com Lessa e Santos (2019), o fisiculturismo caracteriza-se pelas competições que são conhecidas como *show* no qual atletas realizam poses e/ou coreografias para demonstrar, diante de uma equipe de arbitragem, o resultado de seus treinamentos, submetendo-se ao julgamento realizado por meio da exibição de seus corpos. Nesse esporte existem modalidades femininas e masculinas, com particularidades de acordo com determinadas categorias. Por volta de 2015, quando circularam as primeiras notícias sobre a participação do fisiculturismo nos Jogos Pan-Americanos houve um olhar otimista e promissor sobre um novo âmbito de oportunidades que estaria surgindo para os atletas e envolvidos, mas também começou a acontecer mudanças e adequações nos padrões de algumas categorias como a exigência de menor muscularidade em modalidades *bodybuilders* femininas, algo que predomina até os dias atuais. Frente a esse desdobramento surge o incômodo central desse projeto: Como se dá o processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil e se há lugar para a mulher *bodybuilder* nesse contexto.

2. METODOLOGIA

Para realizar o presente estudo realizei busca documental por meio de interlocutores atuantes na área e filiados ou não à Federação Internacional de Fisiculturismo e Fitness (IFBB), documentos, sites oficiais, apostilas e materiais disponibilizados pela federação e para análise e interpretação dos dados, utilizarei a análise de conteúdo do tipo categorial que, segundo Bardin (2004), possibilita considerar a totalidade do texto, por meio da classificação, segundo a frequência de presença ou ausência de elementos. Observei que fontes acadêmicas e

pesquisas acerca do esporte não são escassas, um exemplo são os estudos de Lucena (2001), Starepravo e Júnior (2016), Tubino (2017), Melo (2001, 2018), entre outros, que focalizam as práticas esportivas na sociedade brasileira baseando-se, notadamente nas Ciências Humanas. Alguns estudos focalizam o fisiculturismo no Brasil, a exemplo de Leão (2015), Silva (2016), Monteiro, *et al* (2018) e Sampaio, *et al* (2018), que discorrem acerca dessa manifestação da cultura corporal a partir de aspectos da biodinâmica do movimento e da fisiologia. Entretanto, pesquisas que tratam da temática da esportivização do fisiculturismo no Brasil ainda carece de investigações. Ressalto a contribuição de Lucena (2001) que se sustenta na teoria sociológica de Norbert Elias para discutir o esporte e o processo civilizador brasileiro. O autor percebe o esporte como um componente culturalmente novo na formação da sociedade moderna, como um elemento de “moderna ação” que se estabelece ainda no século XIX e marca uma nova maneira de se relacionar com os outros, que aparece como um componente diferenciado e diferenciador. O primeiro está mais voltado para a ação de cada indivíduo, marcando a distinção entre a maneira de viver a esfera lúdica num sentido mais regulamentado e autocontrolado, e diferenciador referindo-se à exaltação que a habilidade pode proporcionar. Já Melo (2001) entende o Esporte como substituto moderno das práticas tradicionais das camadas populares, enquanto Lucena (2001) percebe-o como um símbolo de modernidade e acrescenta que no Brasil não houve uma passagem sincrônica do jogo popular ritualístico ao esporte ou jogo esportivizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fisiculturismo como um esporte marcado pela controvérsia, seja pelo volumosos corpos que os/as atletas constroem, seja pelo limite imposto para qual o máximo de hipertrofia uma mulher pode/deve chegar, seja pelos usos de substâncias químicas para potencializar a musculatura, densidade muscular e definição. Os esportes de força são marcados pelo estigma e pelo preconceito, pois, as pesquisas iniciam problematizando o corpo e concluem reafirmando o uso de esteróides e anabolizantes, porém, geralmente, sem uma definição de termos mais precisa. Como mencionado anteriormente, no espaço acadêmico brasileiro, há poucos trabalhos sobre o tema. Em amplas buscas, deparei-me com teses de doutoramento que discutiam aspectos pertinentes ao campo esportivo. César Sabino (2002,2004) caracteriza a produção do fisiculturismo no Rio de

Janeiro, focalizando o consumo de esteroides anabolizantes nesse esporte. Adriana Estevão (2005) centrou suas atenções nas narrativas de cinco mulheres atletas de fisiculturismo, acompanhando-as, dialogando com elas e analisando como produzem seus corpos e as implicações dessa produção em suas vidas. Angelita Jaeger (2009) instrumentalizada por estudos feministas, estudos de gênero e estudos culturais interessou-se em analisar discursos produzidos no interior do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das atletas, atentando para as representações construídas sobre as arquiteturas corporais. Destacou o modo como as atletas gerenciavam o seu cotidiano para marcar no seu corpo as exigências do esporte, descrevendo as formas de exibir seus corpos nas competições produzindo feminilidades no plural. O escritor Jean Jacques Courtine (1995, p. 83) foi um dos primeiros a ter suas críticas ao *bodybuilding*, o autor assinala que as competições nada mais são do que “duelos de imagem sem contato nem violência, puras lutas de aparência”. A partir de uma perspectiva histórica, aborda as relações produzidas entre a constituição da sociedade norte-americana e a produção das musculaturas hipertrofiadas. Apoiado nessa e em outras reflexões, Fraga (2000, 2001) aponta a difícil incorporação do músculo hipertrofiado na sociedade contemporânea, chamando atenção para as relações entre consumo, dor e prazer na produção desses corpos, cujas singularidades indicam os espaços sociais e culturais em que foram e são produzidos. Ao mesmo tempo, diz que não há limites para as intervenções que os sujeitos estão dispostos a fazer em seus corpos e que, em meio a relações de poder, eles marcam na própria pele as suas identidades, ainda que provisoriamente constituídas.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo elucida a necessidade de entender as nuances que permeiam o processo de esportivização do fisiculturismo, bem como, compreender um pouco mais das relações dos sujeitos praticantes com o esporte em questão, suas perspectivas e entendimentos das mudanças ocasionadas em seus corpos em função desta prática, suas práticas sociais e discursos sobre corpo, musculação e esporte, embora essas perspectivas teóricas, quando inscritas e discutidas no interior da Educação Física podem desacomodar e por sob tensão questões que emergem do próprio campo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBANTI, Valdir J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Portugal: edições 70, 2004.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHESKY, M. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da "malhação". **Motrivivência**, n. 19, 2002.

JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2009.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**. Florianópolis: editora UFSC, a. XVII, n. 24, p. 157-172, jun. 2005.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA – **Secretaria Especial do Esporte**. 06 de fevereiro de 2019. Acesso em 15/09/2019. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/58750-ana-moser-apresenta-projetos-do-instituto-esporte-e-educacao-ao-secretario-especial-do-esporte>

SANTOS, I.; LESSA, P. As Strongwomen da Belle Époque e a quebra do mito da fragilidade inata. **Koan: revista de educação e complexidade**. n. 5, jul. 2018.

SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Artmed Editora, 2001.